



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES**

DJENIFFER KELLY GUEDES XAVIER DE ATAÍDE

**A IMAGEM DA MULHER NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: UMA ANÁLISE
SOBRE O PODER DO DISCURSO MUDIÁTICO**

**CAMPINA GRANDE
2016**

DJENIFFER KELLY GUEDES XAVIER DE ATAÍDE

**A IMAGEM DA MULHER NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: UMA ANÁLISE
SOBRE O PODER DO DISCURSO MIDIÁTICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduação em Língua Portuguesa.
Área de concentração: Análise do discurso.

Orientador: Prof. Dr. José Josemir Domingos da Silva.

**CAMPINA GRANDE
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A862i Ataíde, Djeniffer Kelly Guedes Xavier de
A imagem da mulher na sociedade contemporânea
[manuscrito] : uma análise sobre o poder do discurso midiático /
Djeniffer Kelly Guedes Xavier de Ataíde. - 2016.
38 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2016.
"Orientação: Prof. Dr. José Josemir Domingos da Silva,
Departamento de Letras e Artes".

1.Gênero. 2.Mídia. 3.Discurso. 4.Mulher I. Título.
21. ed. CDD 401.41

DJENIFFER KELLY GUEDES XAVIER DE ATAÍDE

**A IMAGEM DA MULHER NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: UMA ANÁLISE
SOBRE O PODER DO DISCURSO MIDIÁTICO**

Artigo apresentado ao Programa de Graduação em
Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de graduada em
Língua Portuguesa.

Aprovada em: 20/10/2016 .

BANCA EXAMINADORA

José Josemir Domingos 10,0
Prof. Dr. José Josemir Domingos (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Tânia Maria Augusto Pereira 10,0
Prof.ª Dr.ª Tânia Maria Augusto Pereira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Symone Nayara Calixto Bezerra 10,0
Prof.ª Ms. Symone Nayara Calixto Bezerra
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À minha família, pela dedicação, companheirismo e amizade, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Ao Deus, grande e misericordioso, que me fez acreditar e perseverar no meu sonho, me fazendo ver que as dificuldades que apareceram eram apenas ensinamentos. Obrigada, Senhor!

Ao professor Domingos, por ter me aceitado como orientanda, pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação, pela dedicação e paciência.

Ao meu esposo Diego, pelo incentivo, apoio e ajuda aos meus estudos.

Ao meu filho que, lá do céu, me deu forças para nunca desistir e continuar lutando com todas as minhas forças pelos meus objetivos.

À minha mãe, que sempre esteve ao meu lado, me incentivando, dando-me força.

Aos professores do Curso de graduação da UEPB, em especial Laura Loula Dourado Régis, Darcy Fernandes, Jonathan Leal da Costa, Symone Nayara e João Paulo, que contribuíram ao longo desse período de estudos, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

À professora Fabiene Araújo, amiga e companheira de estudos, pelas orientações, pelas leituras, por todas as conversas produtivas, pela força nos momentos que pensei em desistir e pela perseverança e ajuda em ver este trabalho realizado.

Aos funcionários da UEPB, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Aos colegas de classe, em especial Tássia Lima e Emanuela Moura, pelos momentos de amizade e apoio durante esse longo tempo de sacrifícios, mas também de muitas alegrias.

“Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”.
(Simone de Beauvoir, 1980, p. 9)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
2	ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA	10
2.1	<i>ENUNCIADO, MEMÓRIA DISCURSIVA E INTERDISCURSO</i>	11
3.	O SUJEITO MULHER NA LUTA PELA IGUALDADE ENTRE GÊNEROS	13
3.1	<i>O PAPEL DA MULHER ATRAVÉS DA HISTÓRIA E AS CONDIÇÕES DE POSSIBILIDADE DO DISCURSO</i>	15
4.	A MULHER “BELA, RECATADA E DO LAR”	17
4.1	<i>A IMAGEM DA MULHER NA MÍDIA: CADA ÉPOCA UMA VERDADE</i>	22
5.	MULHERES QUE DESMISTIFICARAM A TEORIA DE QUE O BIOLÓGICO DETERMINA O SEU LUGAR SOCIAL	27
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
	REFERÊNCIAS	32
	ANEXOS	34
	<i>ANEXO I – “Bela, Recatada e do lar”</i>	35
	<i>ANEXO II – “Guia das boas esposas”</i>	37

A IMAGEM DA MULHER NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: UMA ANÁLISE SOBRE O PODER DO DISCURSO MIDIÁTICO

Djeniffer Kelly Guedes Xavier de Ataíde¹

RESUMO

Este artigo insere-se no campo da Análise do Discurso de tradição francesa e para seu desenvolvimento delineamos a seguinte questão de pesquisa: como a imagem da mulher vem sendo construída na sociedade contemporânea e qual a contribuição da mídia para o estabelecimento desta concepção? Diante disso, traçamos como principal objetivo analisar a construção discursiva da mídia sobre a mulher baseada nas discussões a respeito da igualdade de gênero, e como objetivos específicos: (1) apontar a sujeição e as batalhas diárias das mulheres em sua vida cotidiana e (2) descrever como a situação da mulher vem sendo edificada no contexto sócio histórico e midiático. O marco teórico deste artigo, que metodologicamente caracteriza-se como uma pesquisa descritiva, foi construído a partir das formulações da Análise do Discurso, nas contribuições de Gregolin (2007, 2013), Pêcheux (1999), e Foucault (2007a, 2007b, 2008); e dos estudos de Gênero, segundo os postulados de Bassanezi (1997), Sant’Anna (2013), Scott (2013), Mill (2006), e Silva (2010). O *corpus* foi constituído da matéria publicada na Revista Veja, intitulada “Bela, recatada e do lar”, bem como de seis capas de revistas e de duas propagandas. A análise do *corpus* mostrou que a mídia exerce o papel de mediadora entre acontecimento e sociedade e se utiliza dos planos real e imaginário, impondo a sua representação de verdade e agenciando os mecanismos de poder, como a escolha do discurso apresentado na constituição da identidade da mulher contemporânea.

Palavras-chave: Gênero. Mídia. Discurso. Mulher

1 INTRODUÇÃO

Este artigo teve como principal materialidade discursiva a matéria intitulada “*Bela, recatada e do lar*” (Anexo I), da revista Veja edição de 16 de Abril de 2016, que traz Marcela Temer, esposa do então presidente em exercício no Brasil, Michel Temer, como modelo ideal de mulher a ser seguido por suas leitoras, sempre submissa e à sombra de um “grande homem”. A motivação para estudar como a mídia apresenta a figura da mulher na sociedade brasileira surgiu a partir do seguinte questionamento: como a imagem da mulher vem sendo construída na sociedade contemporânea e qual a contribuição da mídia para o estabelecimento desta concepção?

Nosso objetivo principal foi analisar a construção discursiva da mídia sobre a mulher baseada nas discussões a respeito da igualdade de gênero, e, como desdobramentos deste,

¹ Graduanda em Letras – Língua Portuguesa na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
Email: djenifferletras@gmail.com

temos como objetivos específicos (1) apontar a sujeição e as batalhas diárias das mulheres em sua vida cotidiana e (2) descrever como a situação da mulher vem sendo edificada no contexto sócio histórico e midiático.

Além da matéria citada da Revista Veja, foram examinados também enunciados veiculados na mídia, em diferentes momentos da história, que discorrem sobre a temática escolhida no intuito de discutir e entender de que forma a mídia tem contribuído para as concepções das relações de gênero enraizadas na sociedade contemporânea, de maneira a esclarecer o porquê de homens e mulheres, mesmo possuindo características psíquicas equivalentes, ainda terem papéis sociais tão diversos.

Para analisarmos as condições de produção do discurso midiático, utilizamos as seguintes ferramentas conceituais da Análise do Discurso (AD) de tradição francesa: enunciado, memória discursiva e interdiscurso. Debates sobre os discursos que se materializam na mídia a respeito da mulher e sua relação com a sociedade, o trabalho e a família.

Uma pesquisa pode ser caracterizada de várias maneiras, de acordo com alguns critérios. Uma vez que analisamos os dizeres sobre a mulher veiculados em uma matéria de revista, em seis capas de revistas e em duas propagandas, fica claro que, de acordo com os objetivos, esta pesquisa pode ser classificada como descritiva. Segundo Gil (*apud* MOREIRA e CALEFFE 2008, p. 70), as pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno.

2 A ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA

Para alcançar os objetivos traçados e a problemática levantada, é preciso que façamos uma descrição de AD, a qual é entendida por Gregolin (2007, p. 13) como:

Um campo de estudo que oferece ferramentas conceituais para a análise desses acontecimentos discursivos, na medida em que toma como objeto de estudo a produção de efeitos de sentido, realizada por sujeitos sociais, que usam a materialidade da linguagem e estão inseridos na história.

A Análise do Discurso de linha francesa tem origem na França através dos estudos de Jean Dubois, lexicólogo de renome, criador da revista *Langages*, e de Michel Pêcheux, filósofo preocupado em discutir a filosofia do conhecimento. O pensamento desses dois fundadores da AD diverge no que diz respeito aos estudos desse campo teórico; Dubois considerava que a AD seria uma continuidade da Linguística, enquanto Pêcheux tinha em

vista um novo campo de investigação. Apesar de terem pensamentos diferentes, esses dois teóricos tinham o discurso como seu objeto de estudo. É Pêcheux quem resgata o sujeito e a História, excluídos dos estudos linguísticos Saussurianos, são as propostas deste estudioso que serviram como base para as inúmeras pesquisas que começam a surgir em AD.

Optamos por utilizar os postulados da AD porque esta disciplina vem sendo cada vez mais utilizada para estudar os discursos veiculados pela mídia e este campo do saber oferece em seu arcabouço teórico instrumentos para a compreensão da produção e da circulação dos discursos. Para fundamentar nosso estudo, beberemos, principalmente, nas fontes de Foucault, com a leitura do inconsciente das teses freudianas, e de Pêcheux, na relação do sujeito com o discurso.

O discurso, inclusive o midiático, tem um caráter heterogêneo, por isso trabalharemos com as noções de AD de tradição francesa, a qual nos oferece estruturas teóricas para analisar os textos explorados, excluindo a possibilidade de homogeneidade como elemento principal das práticas discursivas, o que é de fundamental importância para esta pesquisa e para a análise do *corpus*.

Por ser tratar de uma pesquisa voltada para os discursos midiáticos, mostraremos como sua forma de (re)produzir discursos nos permite compreender o funcionamento de elementos ligados à AD, como o enunciado, que é entendido como o marco zero da AD; a memória discursiva arrolada com os acontecimentos externos e anteriores ao texto, é dotada de interdiscursividade e traz reflexões materializadas na sua construção; e o interdiscurso, que funciona como a presença de diferentes discursos construídos em diferentes momentos da história e flui de diferentes lugares sociais.

2.1 ENUNCIADO, MEMÓRIA DISCURSIVA E INTERDISCURSO

Em AD, o enunciado, elemento primordial para o campo teórico com o qual estamos trabalhando, está aliado à sua estrutura linguística, às suas condições de produção, história e política e às suas interações subjetivas, o que nos permite, segundo Mazière (2007, p.13) “várias interpretações de um texto”. Logo, o enunciado é o marco zero da AD e tem por objetivo a reprodução de verdades de outros dizeres que carregam o mesmo sentido e que se repetem em diferentes momentos da história; o enunciado “Bela, recatada e do lar” atravessou os séculos e foi reinventado no dizer da Revista Veja.

Analisamos o enunciado “Bela, recatada e do lar” colocando-o em consonância à memória discursiva de outros discursos para verificarmos a sua especificidade. De acordo com Pêcheux (1999, p. 52),

A memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ser lido, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível.

A memória discursiva é constituída por corpos sociais, históricos e culturais interligados, uma espécie de memória coletiva onde os sujeitos estão inscritos. O que nos chamou a atenção nesta pesquisa foi justamente o que está implícito nos discursos proferidos pela mídia e a maneira pela qual eles vêm sendo construídos. Ao lermos a matéria na íntegra, é perceptível a interdiscursividade dela com textos proferidos em outros momentos da história.

A noção de interdiscurso se caracteriza por ser um processo formado num ciclo de repetições, no qual a formação discursiva transita, e que carrega em si diferentes discursos advindos de diferentes momentos da história e de lugares sociais diversos. Para Foucault (2007a, p.28),

É preciso estar pronto para acolher cada momento do discurso em sua irrupção de acontecimentos, nessa pontualidade em que aparece e nessa dispersão temporal que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado até nos menores traços, escondido bem longe de todos os olhares, na poeira dos livros.

É imprescindível explorar o texto em sua totalidade para que fique bem clara a representação de verdade que a revista quis apresentar para os seus leitores numa descentralização do discurso ali proferido. O título da matéria em questão é bem sugestivo, e durante a leitura, atestamos o caráter de mediador da mídia para a desconstrução do lugar social conquistado pelas mulheres até aqui. Grangeiro (2007, p.37), a esse respeito, ressalta que o sujeito, para Foucault, “foi sendo constituído por longos, árduos e conflituosos acontecimentos discursivos, epistêmicos e práticos”. Conflitos e jornadas árduas não faltaram durante o caminho percorrido por várias feministas na tentativa de se igualar, no que diz respeito à capacidade intelectual masculina, e assim mostraram que são realmente capazes de igualar-se a eles.

3 O SUJEITO MULHER NA LUTA PELA IGUALDADE ENTRE GÊNEROS

A sociedade costuma delimitar aquilo que homens e mulheres podem ou não fazer, os cargos que podem ou não ocupar, as vestimentas que lhes são adequadas, os lugares que devem ir, sobretudo as mulheres, que precisam ser boas donas de casa, dedicadas aos filhos, ao marido, e, mesmo trabalhando fora de casa, têm que conciliar tudo isso com os estudos e ainda devem estar belas, produzidas e dispostas ao final do dia para satisfazerem os desejos de seus maridos, refletindo, assim, como postula Silva (2000, p. 40), “a perspectiva da ocupação do espaço público e privado, a partir dos papéis socialmente construídos como de homens e de mulheres”. À figura masculina cabe ser o provedor do lar, é ele quem deve trabalhar fora e sustentar esposa e filhos, o que muitas vezes não acontece, sobretudo, quando marido e mulher se separam, uma vez que os filhos são, muitas vezes, deixados sob os cuidados exclusivamente maternos. Quando a questão é traição, o esposo é, na maioria das vezes, perdoado, na intenção de que a *família* não seja destruída, família esta que nem sempre vive na harmonia utópica dos lares perfeitos. Sobre essa relação de submissão biológica, Machado² assevera que “romper com os estudos da substancialidade do que é a mulher e do que é o homem e com a determinação do biológico sobre o sexo é construir um novo paradigma, os estudos de gênero conseguiram construí-lo”.

Durante muito tempo predominou em nossa sociedade uma cultura de que a mulher nascia predestinada ao papel de serva do lar simplesmente por uma questão biológica, ela possui XX e o homem XY, e isso ditava os papéis sociais que deveriam ocupar no meio social. Os estudos de gênero surgiram para romper com tal concepção, hoje se fala muito mais sobre este assunto e através desses estudos já foram quebrados paradigmas, tais como o sexo exclusivamente como meio de procriação, a acessão feminina no trabalho extra casa, a divisão das tarefas e despesas domésticas, a proibição aos estudos e ao trabalho, entre outras. Segundo Bassanezi (1997, p. 65),

Em nome da manutenção da pureza das garotas, era comum que as informações a respeito da sexualidade humana chegassem a elas marcadas por censuras, reservas, silêncios e preconceitos. [...] Os manuais instrutivos mais popularizados e os artigos de revistas femininas que tratavam do tema não falavam em prazer, mesmo para as mulheres casadas, e sim em realidade a ser enfrentada, missão a ser cumprida.

² Disponível em: <http://www.spm.gov.br/assuntos/pnpm/48a-reuniao/palestra-5-enfoques-de-genero-e-enfoques-feministas-desafios-metodologicos.pdf>

A mulher, há algum tempo, deveria ser privada de direitos básicos como o estudo e o trabalho. Conversas sobre sua sexualidade eram impensáveis, até mesmo com outras mulheres de sua família, só descobririam algo a respeito deste assunto depois de casadas, ou talvez nem isso, já que as mulheres não podiam sentir prazer na relação, pois isso era inapropriado para as ditas “direitas”. Suas obrigações eram casar, ter filho, dedicar-se ao lar, não podendo trabalhar fora de casa até os adventos das I e II Guerras Mundiais, quando os homens foram convocados a irem para a guerra e a única solução encontrada foi colocar as mulheres e crianças para trabalharem numa jornada árdua e com remunerações baixíssimas. Foi aí que o trabalho feminino duplicou, pois as mulheres sempre trabalharam, embora não recebessem remuneração por serem as “rainhas do lar”.

Conquistado o direito de trabalhar fora de casa, a mulher passa a ser “produtora ativa, ela reconquista sua transcendência; em seus projetos afirma-se concretamente como sujeito; pela sua relação com o fim a que visa, com o dinheiro e os direitos de que se apropria, põe à prova sua responsabilidade” (BEAUVOIR, 2009, p.879). Concedido este espaço no mercado de trabalho, a mulher passa a sustentar os filhos que eventualmente tenham sido deixados sob seus cuidados, a ajudar nas despesas domésticas, a demonstrar sua inteligência em desempenhar cargos que nem imaginava um dia conseguir. Porém, enfrenta o desafio diário de administrar todas as tarefas que a ela foram incumbidas, ela é esposa, mãe, muitas vezes estudante, trabalha no lar e também fora de casa. Este é um difícil percurso diário que elas têm que dar conta. De acordo com Selesnick (*apud* ROSAS, 2009, p.44), “as mulheres que trabalham e têm uma família são como malabaristas em um circo, sempre tentando manter no ar todas as bolas ao mesmo tempo”.

Os estudos de gênero resultam das lutas libertárias da década de 1960, na qual jovens decidiram se libertar das imposições políticas e culturais impostas pela sociedade conservadora; segundo o sociólogo francês Edgar Morin³, o ano de 1968 foi o grande estopim das lutas pela liberdade. Ao contrário do que se pensa ao falarmos sobre gênero, esses estudos não têm relação com a opção sexual, e sim com os papéis sociais atribuídos a homens e mulheres. Para Mill (2006, p. 31),

Os homens não querem unicamente a obediência das mulheres; eles querem seus sentimentos. Todos os homens, exceto os mais brutais, desejam encontrar na mulher mais próxima deles, não uma escrava conquistada a força, mas uma escrava voluntária; não uma simples escrava, mas a favorita.

³ Disponível em <http://www.uff.br/observatoriojovem/materia/1968-entre-pol%C3%ADtica-e-cultura-jovens-mudaram-o-mundo>

Para alguns homens não basta que a comida esteja pronta, ela precisa estar no prato sobre a mesa, não é considerável que, ao final de um dia exaustivo de trabalho, a esposa esteja cansada, ela precisa servi-lo e suprir suas necessidades. Para isso, o ideal é uma companheira que se proponha a ser submissa aos seus desejos e caprichos, sem reclamações, que goste dessa relação de sujeição.

3.1 O PAPEL DA MULHER ATRAVÉS DA HISTÓRIA E AS CONDIÇÕES DE POSSIBILIDADE DO DISCURSO

A maior qualidade do passado é mostrar como mudamos, que rumos tomamos e a partir daí, refletirmos se nossas mudanças foram boas ou não. Se tomarmos como exemplo a história das mulheres pelo mundo, veremos quanta coisa vem mudando; costumes, tradições, paradigmas e preconceitos estão sendo quebrados ou em constantes mudanças. Não só a visão sobre a mulher tem mudado ao passar dos anos, mas também o que as pessoas esperam delas. Em maio de 1955, a revista *Housekeeping Monthly* publicou um artigo intitulado “**O guia da boa esposa**”, que apresentava dezoito regras que as mulheres deveriam seguir para serem consideradas boas para com seu marido e filhos (Anexo II).

A mulher ainda não alcançou totalmente a sua independência, pois ela ainda é sobrecarregada não só nos cuidados com o seu cônjuge e sua prole, mas também no trabalho fora de casa. O que fica evidente é que muitas concepções já foram mudadas e que pensamentos como esses trazidos pelo artigo (Anexo II), tais como “Não poder conversar com o marido, apenas ouvi-lo”, “Ter tudo sempre pronto e bem planejado caso ele precise”, estão tomando proporções cada vez menores comparados à época em que estas palavras foram escritas. Esses dizeres estão em consonância com a educação patriarcal que o indivíduo recebe ao longo de sua existência e que a mídia, sutilmente, faz questão de lembrar que à mulher cabem os papéis primordiais de: cuidar, limpar, lustrar, lavar, além de submeter-se às vontades masculinas.

O decreto-lei 3.200, de 19 de Abril de 1941, assinado pelo então presidente Getúlio Vargas, afirma que o Estado faria educar a infância e a juventude para a família. De acordo com o decreto-lei,

Devem ser os homens educados de modo que se tornem plenamente aptos para a responsabilidade de chefes de família. Às mulheres será dada uma educação que as

torne afeiçoadas ao casamento, desejosas da maternidade, competentes para a criação dos filhos e capazes da administração da casa. (p. 7736)

As moças, para serem consideradas “de família” e bem vistas socialmente, deveriam namorar por pouco tempo com uma única pessoa, primordialmente do sexo oposto, e logo casar; qualquer comportamento fora desse parâmetro seria motivo para marginalização social, as mulheres deveriam seguir esse padrão para serem aceitas e não poderiam de forma alguma se separar do marido, se isso acontecesse elas seriam excluídas do meio social. O papel que a mulher desempenhava era o de rainha do lar, cuidadora dos filhos e esposo, ou ainda de algum outro parente. Foi somente em 1943 que as leis brasileiras concederam permissão para as mulheres trabalharem fora de casa sem a devida autorização do marido. Dezesete anos depois, em 1960, apesar das mulheres terem desempenhado com destreza seus cargos, ainda era de grande importância para a sociedade que a mulher se casasse e tivesse filhos, dedicando-se à família de corpo e alma.

As mulheres casadas eram mal vistas pela sociedade se optassem por não ter filhos, procriar era obrigação e papel feminino. O ciclo de vida para a mulher até então era nascer, crescer, casar-se, reproduzir e morrer, mas isso vem sendo desconstruído graças aos estudos de gênero, apesar de ainda hoje haver discriminação com relação àquelas que decidem não procriar. Hoje, há um maior planejamento de vida feminino, a mulher atual elenca prioridades a serem alcançadas, a exemplo de sua carreira profissional e de seus estudos.

Desde criança, as meninas são ensinadas a serem as cuidadoras do lar. Seus brinquedos são sempre bonecas, panelinhas, casinha, etc; em contrapartida, aos homens são dados carrinhos, motos, aviões, entre outros brinquedos considerados “de menino”, uma cultura machista que ainda predomina em pleno século XXI, mesmo que implicitamente.

Algumas conquistas surgiram ao longo do tempo, o sexo já não é mais visto apenas como meio para a reprodução humana; as mulheres, com o advento dos métodos contraceptivos, têm o direito de escolha pela concepção, sua sexualidade foi desvinculada da maternidade; o casamento religioso ou civil já não tem tanta importância para alguns casais, e isso não implica na falta de compromisso entre os envolvidos que optam por viverem assim. Mas, “ainda há mulheres, muitas mulheres, que se sentem obrigadas a permanecer em uma relação matrimonial por conta da dependência econômica, ou por pressão familiar, mas a sociedade contemporânea lhes dá cada vez mais escolhas.” (SCOTT, 2013 p. 39).

Muitas vezes, o comportamento feminino varia de acordo com a classe social, mulheres posicionadas numa classe social desprestigiada dependem do marido

economicamente para manter a casa e, muitas vezes, seus inúmeros filhos, não tendo permissão para trabalhar fora de casa, e quando a tem, não há onde deixar os filhos para ausentar-se do lar. Ainda existem aquelas que têm uma dependência psicológica com relação ao sexo oposto, pois mesmo vivenciando relações turbulentas não têm a coragem de pôr um ponto final na relação. A esse respeito, Silva (2010, p. 274) assevera que

As sociedades de base patriarcal ou falocêntrica construíram esse mito da dependência da mulher em relação ao homem. Esse discurso foi tão bem articulado em imagens que compõem nossa herança antropológica, que as estruturas do inconsciente ou imaginário coletivo não foram redimensionados ao longo dos últimos séculos no que tange às questões de gênero.

Mulheres de classe social mais abastada não têm essa dependência, pelo menos financeira, de seu cônjuge, o que lhes possibilita uma maior liberdade para transitar em meio ao que lhes apraz. Ainda de acordo com Silva (2010, p. 273),

As mulheres dessas sociedades sofrem do “mal da dependência” do homem, uma vez que historicamente foram educadas a pertencer ao outro gênero que teve a incumbência de prover o outro (a mulher) da falta que ele sentia, fosse física, intelectual, moral, econômica ou política.

Muitas mulheres são limitadas a casa e à família, a elas cabe o papel de cuidadora e por isso, durante muito tempo, elas foram proibidas de estudar, de ler ou escrever, isso seria muito perigoso, pois quem estuda abre sua mente para novas ideias. Elas eram obrigadas a casar com alguém que nem ao menos conheciam, ter inúmeros filhos servindo como uma máquina de procriar, e, infelizmente, essa cultura ainda está muito próxima a nós. Era muito comum cinquenta anos atrás que marido e mulher não vissem o corpo um do outro durante a relação sexual, trocar carícias como um simples beijo na boca era algo inimaginável.

4 A MULHER “BELA, RECATADA E DO LAR”

O enunciado “Bela, recatada e do lar” põe em funcionamento uma memória discursiva sobre o sujeito mulher construída historicamente, tecendo padrões de beleza - branca, magra e jovem - e comportamento - “recatada, fala o necessário, aparece pouco” - como única representação de verdade para o comportamento feminino. Seu público alvo, as mulheres, deve seguir o mesmo padrão trazido pela revista, segundo o qual o melhor caminho é o

silenciamento da opinião das envolvidas, a elas cabe, além do silêncio, o pudor, a decência e a singeleza em seus atos. Segundo Gregolin (2007, p. 18),

Os discursos veiculados pela mídia, baseados em técnicas como a confissão (reportagens, entrevistas, depoimentos, cartas, relatórios, descrições pedagógicas, pesquisas de mercado), operam um jogo no qual se constituem identidades baseadas na regulamentação de saberes sobre o uso que as pessoas devem fazer de seu corpo, de sua alma, de sua vida.

A matéria em análise configura-se como uma desconstrução de um lugar discursivo já trilhado historicamente pela/para a mulher com o movimento feminista e o que foi adquirido junto com ele, ilegitimando suas árduas conquistas, a exemplo do voto feminino conquistado em 1932 no Brasil, durante o governo de Getúlio Vargas, exatamente em 24 de Fevereiro do respectivo ano, após uma intensa campanha nacional e diversas reivindicações e discussões. Neste ano foi conquistado não só o direito ao voto, como também o direito de se candidatarem a cargos nos poderes executivo e legislativo, mas só as mulheres casadas e com permissão do marido e as viúvas e solteiras que possuíam renda própria poderiam exercer sua cidadania, somente em 1934 estas restrições foram retiradas do Código Eleitoral, embora o voto feminino fosse facultativo até então.

A publicação do livro *O segundo sexo*, da filósofa francesa Simone de Beauvoir, em 1949 foi, sem dúvidas, um grande marco para a luta feminista, pois a obra questiona o que muitas vezes é imperceptível, para nós mulheres “O que é ser mulher?”. Para Grossi⁴,

Apesar do avanço em relação aos estudos sobre a condição feminina, neste período permanece a referência quase que unânime a uma unidade biológica das mulheres, ou seja, a de que todas as mulheres, independente de sua condição social, se reconhecem pela morfologia do sexo feminino (vagina, útero, seios). O que os estudos de gênero vão problematizar é justamente esta determinação biológica da "condição feminina".

Foi neste livro que Beauvoir eternizou a frase “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”, exemplificando aquilo que acontece nas sociedades patriarcais, onde a mulher nasce predestinada a viver conforme os padrões sociais. Sua publicação conseguiu romper com o pensamento moralista e conservador da época, o qual dizia que as feministas ridicularizavam e menosprezavam os homens, mas seu verdadeiro intuito era igualar homens e mulheres em todos os sentidos.

⁴ Disponível em:

https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/1205/identidade_genero_revisado.pdf.txt;jsessionid=891F7CA9C3E3B7A9922C8C9BDEAB673B?sequence=3

Pelo que expõe a matéria, Marcela Temer aparenta ser uma mulher sem sonhos, sem expectativas para algo novo, além de “mais um filho que deseja ter com Temer”, que não esteja vinculado a essa relação de submissão ao marido, não transparecendo vontade própria.

A atual primeira dama do país é bacharel em direito, mas nunca exerceu a profissão, atuou por um curto tempo como recepcionista e participou de dois concursos de miss no interior de São Paulo, nos quais foi vice-campeã. “Sua vida hoje consiste em levar e buscar o filho, de sete anos na escola, cuidar da família e de sua beleza”. Também é tarefa dela ser a olheira digital do esposo, ela está sempre atenta ao que está sendo dito na internet, no que tange os interesses do marido. Ao que remete à passividade e ao sujeitamento, Foucault (2007b, p.118) ressalta que

esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar “as disciplinas”. Muitos processos disciplinares existiam há muito tempo: nos conventos, nos exércitos, nas oficinas também. Mas as disciplinas se tornaram no decorrer dos séculos XVII e XVIII fórmulas gerais de dominação.

É natural que Marcela Temer possa viver com a serenidade de quem nunca precisou trabalhar, esposa de um homem sete vezes Deputado Federal e agora então presidente em exercício no Brasil. Ela não é modelo que possa ser seguido pelas milhões de brasileiras, em sua maioria matriarcas, que precisam trabalhar duro para conquistar o pão de cada dia, colocar o pão na mesa para alimentar os seus, ajudar seus companheiros na manutenção do lar. Não são belas porque ao final do mês não sobra salário para pagar um salão de beleza ou consultas ao dermatologista como Marcela Temer o faz, as suas vestimentas não servem de modelo porque a classe C não recebe o suficiente para pagar a assinatura de estilistas famosos como os seus.

O que a sociedade em que vivemos diria se Marcela tivesse um marido 43 anos mais jovem que ela? Que impacto teria essa notícia se os papéis se invertessem? A sociedade iria julgá-la por conta de uma decisão do casal e que deveria ser julgada como certa ou errada pelos participantes dela. São raras as suas aparições públicas, e quando aparece, é sempre com “vestidos à altura dos joelhos e de cores claras”, assinados por estilistas de renome nacionais e internacionais. “Michel Temer é um homem de sorte”, ainda segundo a matéria. Sortudo por ter uma esposa subserviente, com disponibilidade para o lar e a família, jovem, bela e cheia de vigor. O machismo é um elemento que fica bem claro nesta afirmação da matéria, cabe unicamente à mulher ser provida de todas as características que Marcela tem para tornar seu

esposo um homem de sorte, a ele não é atribuída nenhuma tarefa para torná-la sortuda, ressaltando quem está subjugada na relação homem-mulher.

Como diz Foucault (2008, p.118),

Em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições e obrigações, e esses três pontos: limitações, proibições e obrigações eram o que menos faltavam às mulheres. A mulher precisava ser agradável, útil, boa, para satisfazer uma necessidade moral ou intelectual do esposo e da família.

Marcela Temer ainda não era, na época da reportagem, 18 de Abril de 2016, a primeira dama do país, veio a ocupar esta posição em 12 de Maio do mesmo ano com o *impeachment* da então presidente Dilma Rousseff e posteriormente com o afastamento dela do cargo, quando o até então vice-presidente Michel Temer assumiu o seu lugar.

Para a revista, Marcela Temer é bela por ser jovem, magra, branca, de olhos claros, elegante, sempre bem vestida e composta, rica e, como se não fosse o bastante, fala pouco e deve permanecer assim, recatada e fazendo aparições apenas quando necessário. É assim que para a *Veja* a mulher deve ser, sempre escondida à sombra do marido, é ele que deve ser o centro das atenções. A todo tempo é enfatizada na matéria a diferença de idade entre os dois e seu redator faz questão de falar que Temer foi o primeiro namorado de Marcela, numa tentativa de valorizar a pureza feminina, que só é alcançada se a mulher se guardar para o marido, casando-se com seu primeiro namorado.

O enunciado trazido pela *Veja* produziu uma cadeia discursiva com outros dizeres nas redes sociais, internautas ironizaram o fato da supervalorização das roupas na altura dos joelhos, do falar pouco e das raras saídas do lar. A tentativa de caracterizar o comportamento das mulheres não deu certo, causando um enorme alvoroço na rede. Diversas mulheres, entre elas artistas famosas, tiraram fotos e disseminaram na rede mundial de computadores, em que apareciam vestidas com roupas provocantes, com bebidas a mão, em baladas, entre outras, e se utilizavam da hashtag #belarecataedolar.



(Imagem 1: Fábio Assunção e Juliana Paes)
Fonte: Google Imagens



(Imagem 2: Mônica Iozzi)
Fonte: Google Imagens

Para Gregolin (2007, p. 13),

O discurso é tomado como uma prática social, historicamente determinada, que constitui os sujeitos e os objetos. Pensando a mídia como prática discursiva, produto de linguagem e processo histórico, para poder aprender o seu funcionamento é necessário analisar a circulação dos enunciados, as posições de sujeito aí assinaladas, as materialidades que dão corpo aos sentidos e as articulações que esses enunciados estabelecem com a história e com a memória.

O que a matéria vinculada pela revista, num jogo de dizeres, tentou fazer foi modificar a prática discursiva atual. A matéria traz uma referencialidade em suas vozes irônicas presentes no discurso do século XIX, trazida para os dias atuais numa tentativa de silenciar as vozes femininas e retroceder o trajeto que conseguiram fazer a duras penas e às custas de muito sofrimento e servidão, não aceitando as imposições sociais com suas regras que ditam o que é certo ou errado, o que se deve ou não fazer ou falar.

Os sujeitos contemporâneos são consumidores de subjetividade, ela está impregnada em todos os discursos, neste caso ela fez com que parássemos para repensar sobre *O que é ser mulher? Qual o seu papel social?* E pensando sobre é que se consegue soltar as amarras que nos aprisionaram durante séculos e que só agora estão sendo afrouxadas. Na opinião de Gregolin (2007, p.23),

Há uma tensa relação entre a mídia e os seus leitores: a subjetividade é fabricada e modelada no registro social, mas os indivíduos vivem essa subjetividade tensivamente, reapropriando-se dos componentes fabricados e produzindo

singularização, criando outras maneiras de ser. Se só houver submissão, não haveria produção de novos sentidos.

4.1 A IMAGEM DA MULHER NA MÍDIA: CADA ÉPOCA, UMA VERDADE

Apresentamos duas capas da revista americana semanal *Time*, que traz em sua capa (Imagem4) um casal heterossexual, fazendo uma intertextualidade com o texto bíblico na representação de homem e mulher (Adão e Eva) no paraíso, com o seguinte dizer: “*A explosão do sexo*”. Por sua vez, a Imagem 3 apresenta a pílula anticoncepcional, formando a figura do símbolo do sexo feminino desenhada com vários comprimidos, que surge para tranquilizar aqueles que desejam manter relações apenas por prazer. Com o surgimento da pílula, as mulheres passaram a ter liberdade de escolha para saber o seu momento ideal para conceber filhos.

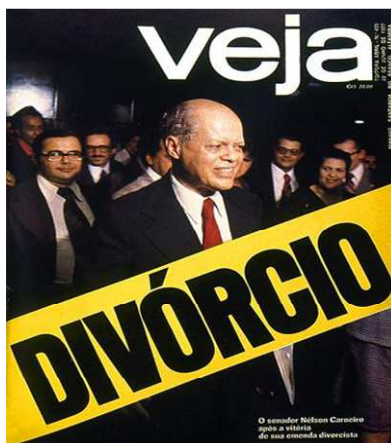


(Imagem 3 e 4: Capas da Revista americana Times)
Fonte: Google Imagens

Em 18 de agosto de 1960, teve início à comercialização da pílula anticoncepcional, lançada nos Estados Unidos, o que, para a revista alemã *Der Stern*, publicada na mesma semana, foi "Um dia histórico e um tremendo passo à frente". Diante disso, os casais tinham em suas mãos o controle de natalidade, o direito de manterem relações apenas por prazer e não mais para procriação exclusivamente, e a virgindade feminina como elemento primordial para o matrimônio passou a ser duramente questionada. Com isso, o movimento feminista começava a ganhar força em 1970, conquistando adeptos pelo mundo para lutarem contra todas as formas de opressão exercidas contra a mulher e pela igualdade entre gêneros.

Na Imagem 5, vemos o Senador Nelson Carneiro após a vitória de sua emenda divorcista. Nascido na Bahia, Nelson foi um político e jornalista brasileiro com larga atuação

parlamentar e tornou-se conhecido pela defesa da causa do divórcio, aprovada no ano de 1977.



(Imagem 5: Revista *Veja*/1977)

Fonte: Google Imagens

A lei do divórcio concedeu a possibilidade de separação jurídica, pois até então, uma vez casados, o casal permanecia com um vínculo jurídico para o resto da vida e, com a promulgação da lei, os divorciados passaram a ter o direito de se casarem perante a lei e a sociedade novamente. Segundo Indursky (2009, p. 225),

Penso que alguns dos sentidos relacionados à figura feminina colocados em circulação em matérias jornalísticas de diferentes momentos da nossa história, ao longo de um período de cerca de 130 anos, embora atravessados por diferentes discursos, deixaram marcas não apenas nas páginas dos jornais, mas também na memória social. Dito de outra forma, certos objetos do discurso, por sua recorrência, adquiriram estabilidade no domínio da memória, tornando-se, então, hegemônicos.

Para mostrar o funcionamento discursivo, no que diz respeito à tentativa de congelamento do lugar social feminino, Vejamos as propagandas (Imagens 6 e 7) que se caracterizam como anúncios de panelas de aço inoxidável e sabão em pó, respectivamente, para tomarmos conhecimento sobre os discursos que antecederam o “Bela, recatada e do lar”:



(Imagem 6: Propaganda de panelas de aço inoxidável) (Imagem7: Propaganda de sabão em pó *Rinso*)
 Fonte: Google Imagens

No enunciado das duas propagandas, percebe-se o assujeitamento e a submissão da mulher para as tarefas do lar. É ela quem deve cuidar dos afazeres domésticos e da família, em especial do seu marido, que ao chegar do trabalho deve encontrar a comida posta à mesa e a roupa cheirosa e bem lavada; as mulheres são ensinadas assim desde o seu nascimento, tornando-se o que a sociedade diz que ela deve ser. O desempenho nas tarefas domésticas poderia ser um trabalho extra casa, como a digna profissão de empregada doméstica, mas à época de sua veiculação o trabalho fora de casa não era bem visto para as “mulheres de respeito”, como bem afirma Foucault (2008, p.119), “Nesses métodos disciplinares os corpos devem se tornar não só obedientes, mas também úteis. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos dóceis”.

Hoje em dia, as mulheres, mesmo desempenhando funções que antes eram consideradas masculinas, com muita destreza, numa longa jornada de trabalho, algumas vezes ainda de estudos, devem dar conta da casa, da família e ainda precisam estar belas ao final do dia para agradar seus esposos. Na Imagem 8, temos a personagem de Regina Duarte em *Malu Mulher*, Telenovela brasileira exibida pela Rede Globo, com início em 24 de Maio de 1979 e retratava as condições da mulher brasileira no final da década de 1970. Malu decidiu se divorciar do marido, com quem foi casada por 13 anos, após descobrir a infidelidade dele. Na referida novela foi ao ar pela primeira vez na televisão brasileira cenas que indicavam o orgasmo feminino; a trama ainda tratou de outros assuntos até então considerados tabus, como o aborto, a prostituição, a violência contra a mulher e a primeira experiência sexual feminina.



(Imagem 8: Revista Veja/1979)

Fonte: Google Imagens

Como vimos anteriormente, em 1977 foi aprovada a lei do divórcio no Brasil, em 1979 a *Veja* publicou a edição com título bastante sugestivo “A mulher descasada”; há dois anos ela tinha o direito de se livrar das aparências que sustentavam os casamentos falidos para começar a construir sua vida como mulher divorciada e independente.

Nas imagens 9 e 10 temos, respectivamente, Bruna Patrizia Maria Teresa Romilda Lombardi, uma atriz, modelo e escritora brasileira de 64 anos, que ainda hoje é ícone de beleza e sensualidade; e Elba Ramalho, atriz e cantora brasileira de 65 anos que esbanja vitalidade.

(Imagem 9: *Veja*/2010)(Imagem 10: *Veja*/1985)

Fonte: Google Imagens

A *Veja* traz, na Imagem 9, Bruna Lombardi, ícone de beleza e sensualidade, para mostrar o erotismo da “nova mulher”, que agora poderia experimentar seus desejos face à abertura que encontrara na sociedade. Na imagem 10, temos Elba Ramalho com as pernas à

mostra, vestida com decote e com muito brilho. Percebemos, portanto, que as mulheres da época começavam a experimentar sua liberdade de escolha em todos os sentidos, seus desejos agora poderiam vir à tona, sem reservas ou recato, sua voz podia ser ouvida aos berros.

A concepção da época era a de que as mulheres deveriam ser mantidas no espaço privado, pois, caso saíssem fora dele, seria bem mais difícil dominá-las. Não bastava que a mulher fosse recatada, ela precisava ser útil dentro do lar para a família e principalmente para o marido e, para que isso efetivamente acontecesse, era-lhes negado o direito ao estudo, ao trabalho, ao voto, à contracepção. Restava-lhes então o recato, pois até suas leituras e seus escritos eram controlados, exemplo disso foi a escritora e simbolista Florbela Espanca, que teve seu reconhecimento como escritora postumamente, assim como outras grandes artistas, pois seus escritos eram considerados impróprios para a sociedade machista e conservadora em que viviam, pois, como afirma Orlandi (2007, p.76), “proíbem-se certas palavras para se proibir certos sentidos”.

A matéria em análise traz como protagonista Marcela Temer, “Bela, recatada e do lar”. “A quase primeira-dama, 43 anos mais jovem que o marido, aparece pouco, gosta de vestidos na altura dos joelhos e sonha em ter mais um filho com o vice.” O conceito de beleza em Marcela Temer é bem diferente dos conceitos de Bruna Lombardi e Elba Ramalho, agora a beleza está no comportamento, no recato, no pouco. Sentindo o perigo de dar vez ao que as mulheres estão construindo dia a dia, o discurso midiático agora se volta para dizeres de séculos atrás. Sobre esse assunto, Sant’Anna (2013, p. 106) comenta que

[...] a beleza física tendia a ser vista como uma dádiva divina. À mulher cabia conservá-la com recato e comedimento... Entretanto, o milenar dever de ser bela recaía com força sobre a indumentária. As roupas, os calçados e os adereços serviam como prova maior de beleza e distinção.

Os padrões de beleza impostos socialmente dizem que, para ser bela, a mulher deve ser magra, de pele clara, cabelo liso, ser sexy sem ser vulgar, entre outras atribuições, aquelas que não se encaixam nesse perfil não são aceitas pelo grupo social. Que a mídia tem incentivado e enaltecido esses padrões, isso é inegável. As revistas, que são nosso principal foco de estudo, trazem estampadas em suas capas mulheres de corpos esculturais, peles perfeitas, com peso ideal e cabelos impecáveis, e mesmo que, na maioria das vezes, essas fotos passem por edições, sabe-se que este é o ideal de beleza que muitas almejam. Quem não desejaria a pele de Bruna Lombardi, que aos 64 anos esbanja beleza e sensualidade? Ou o peso de Elba Ramalho, que aos 65 anos exibe uma cintura fina “como um pilão”? Com o

advento das redes sociais, os mecanismos agenciados pela mídia ganham cada vez mais força. Na busca pela perfeição, muitas mulheres recorrem a cirurgias plásticas, enchem as academias, preenchem seus guarda-roupas com as mais variadas grifes de roupas, bolsas e sapatos para saciarem esse complexo narcisista, se é que podemos chamá-lo assim, já que elas não se arrumam exclusivamente para si, mas também para o outro. A mídia tem contribuído com tudo isso, pois isto gera grandes lucros para os fabricantes de cosméticos e produtos de beleza, e também para veículos de comunicação com anúncios sobre esses produtos.

5 MULHERES QUE DESMITIFICARAM A TEORIA DE QUE O BIOLÓGICO DETERMINA O SEU LUGAR SOCIAL

Como já vimos anteriormente, nas sociedades patriarcais as mulheres eram completamente silenciadas, algumas conseguiam encontrar voz em cartas ou diários onde escreviam o que tinham vontade de falar e não podiam, pois caso fossem descobertos, eles eram destruídos ou queimados. Quantos relatos de sofrimento e opressão não se perderam em meio a tais queimas de arquivos? Quantas obras literárias também?!

Conquistado o direito ao trabalho feminino, Mill (2006, p. 30) assevera que

A reivindicação das mulheres em serem uniformemente educadas como os homens, nos mesmos ramos de conhecimento, está crescendo intensamente e com grande perspectiva de sucesso, enquanto que a exigência por sua aceitação em profissões e ocupações até aqui negadas a elas, fica mais urgente a cada ano.

No Brasil temos muitos exemplos de mulheres que conquistaram seu espaço no meio social com ascensão nacional e internacional através de seus próprios esforços, dentre elas Adriana de Oliveira Melo, na Ciência; Maria da Penha; no Social; e Dilma Rousseff, na Política. Elas conquistaram lugares jamais pensados para a mulher. Estas áreas eram de predominância exclusivamente masculina, mas suas desbravadoras vêm conquistando respeito e inspirando as novas gerações para um futuro melhor, no qual a mulher possa transitar por onde ela desejar sem ser julgada por seus fatores orgânicos, elas desmistificaram as determinações que lhes foram impostas ao nascerem.



(Imagem 11: Adriana Mello / Portal Correio – 2016)
Fonte: Google Imagens

Adriana de Oliveira Melo, paraibana, com pós-doutorado em obstetrícia, foi destaque na área da saúde mundial ao detectar a relação do Zika Vírus transmitido pelo mosquito *Aedes Aegypti* com a microcefalia, uma má formação no cérebro de bebês. Em Campina Grande, interior da Paraíba, com equipamentos doados, ela dá continuidade aos estudos sobre a doença e se dedica a auxiliar as mães dos bebês diagnosticados com a má formação. Em 04 de Outubro de 2016, Adriana conquistou o 21º Prêmio da Revista Claudia na categoria ciências. Ao receber o prêmio, Adriana o dedicou às mães que continuam a ser tratadas como números. “Essas famílias têm nome e rosto, não podemos continuar tratando-as assim”⁵ disse ela.



(Imagem 12: Maria da Penha / Folha de São Paulo – 2016)
Fonte: Google Imagens

A cearense e biofarmacêutica, de 71 anos que dá nome à Lei Maria da Penha, a qual protege as mulheres contra os abusos e a violência doméstica. Ela foi vítima de duas tentativas de homicídios por parte de seu cônjuge, o professor colombiano Marco Antônio, e hoje é um dos principais nomes da defesa dos direitos das mulheres no Brasil e no mundo.

⁵ Disponível em <http://m.mdemulher.abril.com.br/estilo-de-vida/claudia/conheca-as-vencedoras-do-premio-claudia-2016>

Maria da Penha pode ser indicada ao Prêmio Nobel da Paz 2017, em fevereiro do ano da premiação pelo seu ativismo na luta pela proteção as mulheres vítimas de violência. A Lei ganhou notoriedade no Brasil e pelo mundo, segundo Maria da Penha 98% da população brasileira tem conhecimento sobre a institucionalização desta lei.⁶



(Imagem 13: Dilma Rousseff / Portugal Digital – 2014)
Fonte: Google Imagens

Dilma Vana Rousseff, 68 anos, é natural de Belo Horizonte. Militante política desde os 16 anos, Dilma participou diretamente da luta armada contra a Ditadura Militar, foi presa aos 23 anos e permaneceu durante três anos sendo submetida a torturas. Ao sair da cadeia, ela se formou em Economia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Aos 33 anos, entrou para a política ajudando a formar o PDT (Partido Democrático Trabalhista), onde permaneceu filiada durante 21 anos, até entrar para o PT (Partido dos Trabalhadores), em 2002, na campanha que ascendeu Luiz Inácio Lula da Silva à Presidência da República. Foi neste momento que Dilma ganhou visibilidade nacional, por gerenciar o plano de governo na área energética. Posteriormente, ocupou o cargo de Ministra de Minas e Energia e em seguida de ministra chefe da Casa Civil. Em 2009, teve sua candidatura à Presidência da República oficializada pelo PT, na qual Lula era o seu principal cabo eleitoral, chegando ao segundo turno das eleições de 2010, confirmando seu favoritismo e se tornando a primeira mulher a chegar à Presidência no país.

Em 2 de Dezembro de 2015 abriu-se um processo de *impeachment* contra a então presidenta do Brasil, como gostava de ser chamada. O processo teve início com a aceitação do então presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha. Dilma foi denunciada por crime de responsabilidade pelo procurador de justiça aposentado Hélio Bicudo e pelos

⁶ Disponível em <http://www.onumulheres.org.br/noticias/nata-publica-pelos-10-anos-da-lei-maria-da-penha-em-defesa-da-lei-e-da-institucionalizacao-das-politicas-de-enfrentamento-a-violencia-contras-mulheres/>

advogados Miguel Reale Júnior e Janaina Paschoal. Esse processo se encerrou no dia 31 de agosto de 2016, resultando na destituição de Dilma do cargo. Assim, ela tornou-se o segundo Presidente da República a sofrer *impeachment* no Brasil, sendo Fernando Collor o primeiro, em 1992.

Esta é uma pequena amostragem do espaço que as mulheres estão ocupando no meio social, através de suas lutas diárias por espaço igualitário para homens e mulheres.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com Silverstone (2005, p.147), a mídia “é um processo de mediação. A mídia se faz. Nós a fazemos. E ela é feita por nós”. As verdades veiculadas pela mídia precisam ser analisadas e, muitas vezes, contestadas. Foi através da memória discursiva e pela memória do discurso midiático que encontramos base para responder ao nosso questionamento inicial sobre como a imagem da mulher vem sendo construída na sociedade contemporânea e qual a contribuição da mídia para o estabelecimento desta concepção.

A mídia tem um enorme poder de construção de determinadas representações sobre os sujeitos, numa tentativa constante de reprodução de verdades para seus leitores/espectadores e nela encontramos discursos que revelam muitos dos mistérios da história das mulheres. A revista *Veja* apresenta em uma reportagem Marcela Temer como ideal de mulher a ser seguido pelas suas leitoras. Ao lermos a matéria em questão, nosso pensamento se volta para o século XIX, onde o mesmo discurso era proferido e aceitável pela esmagadora maioria da sociedade.

O discurso jornalístico é permeado pela subjetividade, quem escreve o faz no sentido de convencer seu leitor de que o ponto de vista ali exposto é a única verdade, tendo esta apenas uma versão. Sobre a subjetividade na linguagem, Benveniste (2005 p. 287) assevera que “A linguagem é tão profundamente marcada pela expressão da subjetividade que nós nos perguntamos se, construída de outro modo, poderia ainda funcionar e chamar-se linguagem”.

Através das análises das capas de revistas, das propagandas e das imagens de repúdio ao discurso midiático postadas por internautas na rede, percebemos conteúdo suficiente para atestarmos a importância da Análise do Discurso de tradição francesa na compreensão dos mecanismos agenciados em textos pela mídia, sobretudo porque os trajetos significativos são entendidos como efeitos de linguagem. Assim, ao acompanharmos alguns dos caminhos de

sentidos em textos midiáticos, percebemos sua função de reprodutora social nas lutas pelas construções/reconstruções das identidades.

Os discursos sobre a nova mulher, que conquista uma carreira e ocupa um lugar no espaço social não seriam possíveis sem muita luta e resistência dos movimentos feministas. As conquistas lideradas por estes movimentos foram muitas: o voto feminino, o divórcio, a criação da lei Maria da Penha, etc. O movimento feminista continua lutando pela igualdade de gêneros dentro e fora do lar.

Cansada de permanecer estagnada no lugar que lhe impuseram e onde esteve durante vários anos, a mulher resolveu criar asas e alçar voos altos, mostrou que o lugar dela é onde ela quiser chegar, que pode exercer a profissão que bem entender, que entende de ciência e também de política, e que suas conquistas ainda não chegaram ao fim. As mulheres ainda têm muito a percorrer e alcançar, sem desmerecer o homem. A disputa pelo poder é o principal motivo dos embates entre os gêneros, ninguém quer ficar para trás.

ABSTRACT

This article to be on the Analysis of Discourse scope of French tradition and for your development It was made the following question: how the woman image has been built at contemporary society and what the media contributes to establish this conception? In the face of it, we set as main objective, to analyse the discursive construction of media about the woman based in discussion about the equality of generous, and our specific objectives are: (1) indicate the submissions and women's daily battles in her life and (2) describe how the woman's situation has been built in the context of historic society and mediators. The article's theoretical background, has characteristic as descriptive research, was constructed from of Analysis of Discourse through the contributions of Gregolin (2007, 2013), Pêcheux (1999), e Foucault (2007a, 2007b, 2008); and genres's studies in accordance with Bassanezi (1997), Sant'Anna (2013), Scott (2013), Mill (2006), e Silva (2010). The corpus was built of the article published on Veja Magazine, with title "Pretty, maidenlike and of home", just as well of six magazine covers and two advertising. The analysis of corpus this article showed that the media execute a mediator role among the happening and society and that it using of real and imaginary plans, imposing on your representation of truth and negotiating the power mechanisms, as the choose of the presented discourse at construction of the woman's contemporary identity.

Keywords: Genre. Media. Discourse. Woman.

REFERÊNCIAS

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: **História das mulheres no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Tradução Sérgio Milliet. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral**. 5. ed. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas, SP: Pontes 2005, p. 284 – 293.

BRASIL. Decreto nº 3.200, de 19 de abril de 1941. Dispõe sobre a organização e proteção da família. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 19 abr. 1941. Seção 1, p. 7736.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007a.

_____. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Trad. Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007b.

_____. A filosofia estruturalista permite diagnosticar o que é a atualidade. In: **Ditos e escritos**. v. 2. Tradução Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GRANGEIRO, Cláudia Rejanne P. Foucault, Pêcheux e a formação discursiva. In: BARONAS, Roberto L. (Org.). **Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção de formação discursiva**. São Carlos, SP: Pedro & João, 2007.

GREGOLIN, M. R. **Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades**. In: **Comunicação, Mídia e Consumo**. Escola Superior de Propaganda e Marketing. V. 4, n. 11. São Paulo: ESPM, p. 11 – 26, nov. 2007.

_____. **Análise do Discurso e mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos, SP: Claraluz, 2013.

GROSSI, Mirian Pillar. **Identidade de gênero e sexualidade**. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/1205/identidade_genero_revisado.pdf.txt;jsessionid=891F7CA9C3E3B7A9922C8C9BDEAB673B?sequence=3 Acessado em: 10/10/2016

INDURSKY, Freda FERREIRA, Maria Cristina Leandro MIITTMAN, Solange (Orgs.). **O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras**. 1. ed. São Carlos, SP: Claraluz, 2009.

MACHADO, Lia Zanotta. **Enfoques de gênero e Enfoques feministas: desafios metodológicos**. Disponível em: <http://www.spm.gov.br/assuntos/pnpm/48a-reuniao/palestra-5-enfoques-de-genero-e-enfoques-feministas-desafios-metodologicos.pdf>. Acessado em: 12/10/2016.

MAZIÈRE, Francine. **A análise do discurso: história e práticas**. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2007.

MILL, Stuart. **A sujeição das mulheres**. Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal – 39. São Paulo: Escala, 2006.

MOREIRA, Herivelto e CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

ORLANDI, Eni P. **Língua e Conhecimento Linguístico: para uma história das ideias no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2002.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, P. *et al.* **Papel da memória**. Campinas, SP: Pontes, 1999.

ROSAS, María. **Mães que Trabalham fora, cuidado com a Culpa**. São Paulo: Cengage Learning, 2009.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. “Sempre Bela”. In: PINSKY, Carla Bassanezi e PEDRO, Joana Maria. **Nova história das mulheres do Brasil**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 105 – 125.

SCOTT, Ana Sílvia. O caleidoscópio dos arranjos familiares. In: PINSKY, Carla Bassanezi e PEDRO, Joana Maria. **Nova história das mulheres do Brasil**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 15 – 42.

SILVA, Antônio de Pádua Dias da. **Mulheres representadas na literatura de autoria feminina: Vozes de permanência e poética da agressão**. Campina Grande, PB: EDUEPB, 2010.

SILVA, T. G. **A liberdade é lilás: a trajetória das organizações feministas em Mossoró/RN** (Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. 2000.

SILVERSTONE, Roger. **Por que Estudar a Mídia?** 2 ed. São Paulo: Loyola, 2005.

ANEXOS

Anexo I

Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”

A quase primeira-dama, 43 anos mais jovem que o marido, aparece pouco, gosta de vestidos na altura dos joelhos e sonha em ter mais um filho com o vice.

Por Juliana Linhares



Marcela, mulher do vice, Michel Temer: jantares românticos e apelidos carinhosos (Bruno Poletti/Folhapress)

Marcela Temer é uma mulher de sorte. Michel Temer, seu marido há treze anos, continua a lhe dar provas de que a paixão não arrefeceu com o tempo nem com a convulsão política que vive o país – e em cujo epicentro ele mesmo se encontra. Há cerca de oito meses, por exemplo, o vice-presidente, de 75 anos, levou Marcela, de 32, para jantar na sala especial do sofisticado, caro e badalado restaurante Antiquarius, em São Paulo. Blindada nas paredes, no teto e no chão para ser à prova de som e garantir os segredos dos muitos políticos que costumam reunir-se no local, a sala tem capacidade para acomodar trinta pessoas, mas foi esvaziada para receber apenas “Mar” e “Mi”, como são chamados em família. Lá, protegido por quatro seguranças (um na cozinha, um no toalete, um na entrada da sala e outro no salão principal do restaurante), o casal desfrutou algumas horas de jantar romântico sob um céu estrelado, graças ao teto retrátil do ambiente. Marcela se casou com Temer quando tinha 20 anos. O vice, então com 62, estava no quinto mandato como deputado federal e foi seu primeiro namorado.

Michelzinho, de 7 anos, cabelo tigelinha e uma bela janelinha no lugar que abrigará seus incisivos centrais, é o único filho do casal (Temer tem outros quatro de relacionamentos anteriores). No fim do ano passado, Marcela pensou que esperava o segundo filho, mas foi um alarme falso. “No final, eles acharam que não teria sido mesmo um bom momento para ela engravidar, dada a confusão no país”, conta tia Nina, irmã da mãe de Marcela. Ela se refez do sobressalto, mas não se resignou – ainda quer ter uma menininha. No Carnaval, Marcela planejou uns dias de sol e praia só com o marido e o filho e foi para a Riviera de São Lourenço, no Litoral Norte de São Paulo. Temer iria depois, mas, nos dias seguintes, o plano foi a pique: o vice ligou, dizendo que estava receoso de expor a família, devido aos ânimos acirrados no país. Pegou Marcela, Michelzinho, e todo mundo voltou para casa.

Bacharel em direito sem nunca ter exercido a profissão, Marcela comporta em seu *curriculum vitae* um curto período de trabalho como recepcionista e dois concursos de miss no interior de São Paulo (representando Campinas e Paulínia, esta sua cidade natal). Em ambos, ficou em segundo lugar. Marcela é uma vice-primeira-dama do lar. Seus dias consistem em levar e trazer Michelzinho da escola, cuidar da casa, em São Paulo, e um pouco dela mesma também (nas últimas três semanas, foi duas vezes à dermatologista tratar da pele).

Por algum tempo, frequentou o salão de beleza do cabeleireiro Marco Antonio de Biaggi, famoso pela clientela estrelada. Pedia luzes bem fininhas e era “educadíssima”, lembra o cabeleireiro. “Assim como faz a Athina Onassis quando vem ao meu salão, ela deixava os seguranças do lado de fora”, informa Biaggi. Na opinião do cabeleireiro, Marcela “tem tudo para se tornar a nossa Grace Kelly”. Para isso, falta só “deixar o cabelo preso”. Em todos esses anos de atuação política do marido, ela apareceu em público pouquíssimas vezes. “Marcela sempre chamou atenção pela beleza, mas sempre foi recatada”, diz sua irmã mais nova, Fernanda Tedeschi. “Ela gosta de vestidos até os joelhos e cores claras”, conta a estilista Martha Medeiros.

Marcela é o braço digital do vice. Está constantemente de olho nas redes sociais e mantém o marido informado sobre a temperatura ambiente. Um fica longe do outro a maior parte da semana, uma vez que Temer mora de segunda a quinta-feira no Palácio do Jaburu, em Brasília, e Marcela permanece em São Paulo, quase sempre na companhia da mãe. Sacudida, loiríssima e de olhos azuis, Norma Tedeschi acompanhou a filha adolescente em seu primeiro encontro com Temer. Amigos do vice contam que, ao fim de um dia extenuante de trabalho, é comum vê-lo tomar um vinho, fumar um charuto e “mergulhar num outro mundo” – o que ocorre, por exemplo, quando telefona para Marcela ou assiste a vídeos de Michelzinho, que ela manda pelo celular. Três anos atrás, Temer lançou o livro de poemas intitulado *Anônima Intimidade*. Um deles, na página 135, diz: “De vermelho / Flamejante / Labaredas de fogo / Olhos brilhantes / Que sorriem / Com lábios rubros / Incêndios / Tomam conta de mim / Minha mente / Minha alma / Tudo meu / Em brasas / Meu corpo / Incendiado / Consumido / Dissolvido / Finalmente / Restam cinzas / Que espalho na cama / Para dormir”.

Michel Temer é um homem de sorte.

<http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>

Anexo II

1. Tenha o jantar sempre pronto. Planeje com antecedência. Esta é uma maneira de deixá-lo saber que se importa com ele e com suas necessidades.

2. A maioria dos homens estão com fome quando chegam em casa, e esperam por uma boa refeição (especialmente se for seu prato favorito), faz parte da recepção calorosa.

3. Separe 15 minutos para descansar, assim você estará revigorada quando ele chegar. Retoque a maquiagem, ponha uma fita no cabelo e pareça animada.

4. Seja amável e interessante para ele. Seu dia foi chato e pode precisar que o anime e é uma das suas funções fazer isso.

5. Coloque tudo em ordem. Dê uma volta pela parte principal da casa antes do seu marido chegar. Junte os livros escolares, brinquedos, papel, e em seguida, passe um pano sobre as mesas.

6. Durante os meses mais frios você deve preparar e acender uma fogueira para ele relaxar. Seu marido vai sentir que chegou a um lugar de descanso e refúgio. Afinal, providenciando seu conforto, você terá satisfação pessoal.

7. Dedique alguns minutos para lavar as mãos e os rostos das crianças (se eles forem pequenos), pentear os cabelos e, se necessário, trocar de roupa. As crianças são pequenos tesouros e ele gostaria de vê-los assim.

8. Minimize os ruídos. Quando ele chegar desligue a máquina de lavar, secadora ou vácuo. Incentive as crianças a ficarem quietas.

9. Seja feliz em vê-lo. O receba com um sorriso caloroso, mostre sinceridade e desejo em agradá-lo. Ouça-o.

10. Você pode ter uma dúzia de coisas a dizer para ele, mas sua chegada não é o momento. Deixe-o falar primeiro, lembre-se, os temas de conversa dele são mais importantes que os seus.

11. Nunca reclame se ele chegar tarde, sair pra jantar ou outros locais de entretenimento sem você. Em vez disso, tente compreender o mundo de tensão e pressão dele, e a necessidade de estar em casa e relaxar.

12. Seu objetivo: certificar-se de que sua casa é um lugar de paz, ordem e tranquilidade, onde seu marido pode se renovar em corpo e espírito.

13. Não o cumprimente com queixas e problemas.

14. Não reclame se ele se atrasar para o jantar ou passar a noite fora. Veja isso como pequeno em comparação ao que ele pode ter passado durante o dia.

15. Deixe-o confortável. Faça com que ele se incline para trás numa cadeira agradável ou deitar-se no quarto. Dê uma bebida fria ou quente pronta para ele.

16. Arrume o travesseiro e se ofereça para tirar os sapatos dele. Fale em voz baixa, suave e agradável.

17. Não faça-lhe perguntas sobre suas ações ou que questionem sua integridade. Lembre-se, ele é o dono da casa e, como tal, irá sempre exercer sua vontade com imparcialidade e veracidade. Você não tem o direito de questioná-lo.

18. Uma boa esposa sabe o seu lugar.

<http://www.contioutra.com/este-guia-de-1950-da-18-dicas-para-mulheres-serem-boas-esposas-a-ultima-e-um-insulto/>